

O LITORAL DOS COUTOS DE ALCOBAÇA A evolução morfológica da Lagoa da Pederneira (Nazaré)

Maria Virgínia Henriques
Departamento de Geociências
Universidade de Évora
(virginia@uevora.pt)

Apresenta-se uma síntese da evolução da região litoral dos Coutos de Alcobaça com destaque para a antiga Lagoa da Pederneira (Nazaré). A partir do Holocénico Médio as alterações morfológicas e ambientais da área foram muito incrementadas pelas actividades antrópicas. A sequência sedimentar acumulada nos ambientes estuarinos e lagunares revela, desde a Idade Média, um relação estreita com as actividades humanas exercidas nas bacias hidrográficas adjacentes, com destaque para as exercidas pela Comunidade Cisterciense de Alcobaça. A abordagem é feita tendo como base: análise geomorfológica detalhada; localização e identificação de vestígios arqueológicos e históricos; interpretação crítica de documentos escritos e cartográficos; resultados preliminares do estudo dos sedimentos de sondagens realizadas no espaço da antiga laguna.

A proximidade de um litoral acessível e abrigado como as lagoas de Alfeizerão (S. Martinho do Porto) e da Pederneira (Nazaré) proporcionou ao Mosteiro de Alcobaça um recurso natural e estratégico, determinante na organização socioeconómica e espacial dos seus domínios, e da região em geral. A multifuncionalidade que ao longo dos tempos estes espaços desempenharam, terá justificado a forte intervenção humana na manutenção dos sistemas lagunares e portuários, mesmo quando as condições hidrodinâmicas, gerais e locais, favoreciam o assoreamento. O processo evolutivo destes ambientes foi acompanhado de permanente reorganização do espaço de que resultou a deslocação geográfica de pessoas e funções.

O sector litoral da Nazaré apresenta características geomorfológicas peculiares. Para o interior, na actual planície aluvial podem-se identificar 3 alvéolos ou sectores: Valado de Frades-Maiorga (interior); Ponte das Barcas-Valado de Frades (intermédio); Nazaré-S. Gião (litoral). As áreas baixas (2-10m) e aplanadas (declive cerca de 0,9%) destes alvéolos correspondem, no geral, à extensão máxima atingida pela Lagoa da Pederneira no Último Máximo Transgressivo (ocorrido cerca de 5000 BP). A localização de múltiplos vestígios arqueológicos pré-romanos e romanos na periferia deste espaço, indiciam que a área inundada permaneceu pouco alterada até ao Período Romano (século III a.C.) e que a navegação foi possível até Cós, Maiorga e Fervença. Este local da costa era conhecido por *Seno Petronero*, designação que persistiu nas representações cartográficas de pequena escala, até ao século XIV. Contudo, o registo sedimentar correlativo deste período (Sondagem Nzs2) indica que o limite do ambiente lagunar terminaria nas imediações do Valado, estando o alvéolo Valado de Frades-Maiorga praticamente emerso e transformado em paul (Fig.1-A). Assim, a navegação para o interior, referida em alguns documentos históricos, só seria possível ao longo das linhas de água existentes ou os canais de maré. A proximidade de um espaço lagunar, abrigado e pouco profundo, foi determinante na localização e prosperidade dos vários povoados romanos. A pouca distância está comprovada a existência de três *villae* romanas (Póvoa de Cós, Rossio da Pederneira, Mina) e de um povoado fortificado (Parreitas). A própria Lagoa estabelecia a fronteira entre o domínio das duas maiores *civittas* romanas, *Eburobritium* (a sul) e *Collippo* (a oriente) proporcionando a esta última uma “porta” de contacto com o mediterrâneo, alternativa ou complementar às vias terrestres.

Com excepção da referência às várias torres visigóticas que delimitavam e defendiam a Lagoa, e à presença do templo Visigótico de S. Gião, a documentação histórica, relativa à região, é muito escassa até ao século XII. A estabilidade sociopolítica que se seguiu à Reconquista, e sobretudo a instalação da Ordem de Cister em Alcobaça (1153), determinaram um período de prosperidade económica e demográfica, acompanhado de forte desenvolvimento da agricultura, exploração e transformação de minérios (ferro). A prática destas actividades contribuiu para a destruição do coberto vegetal primitivo, devido ao arroteamento de novas terras e à utilização de madeira. A alteração do uso solo terá contribuído para o incremento do assoreamento da laguna, reduzindo significativamente a área imersa (Fig. 1-B), ao mesmo tempo que as necessidades de uso do porto e da extração de sal aumentavam.

Na documentação do século XII e seguintes é referido o fecho da barra da laguna e o esforço exigido para a abrir e manter aberta, assim como as consequências nefastas que o isolamento do mar provocava no interior do corpo lagunar e na qualidade de vida das populações. Apesar da área inundada se restringir parcialmente ao alvéolo central e a comunicação com o mar ser esporádica, a crescente necessidade de circulação de pessoas e bens por via marítima, à época a mais fácil e rápida, constituía, em conjunto com a pesca e a salicultura, importante fonte de rendimentos para o Mosteiro de Alcobaça e para a Coroa, estimulando a manutenção artificial de condições para a

navegação na Lagoa. Assim, o “porto” não teria, nesta época, uma estrutura física definida, localizando-se os principais pontos de acostagem em posição interior, na margem norte e junto às principais linhas de água. A vila da Pederneira desenvolveu-se a SE da sua actual localização, acima da Ponte das Barcas onde se situaria o “porto” e os estaleiros (Fig. 1-A e B).

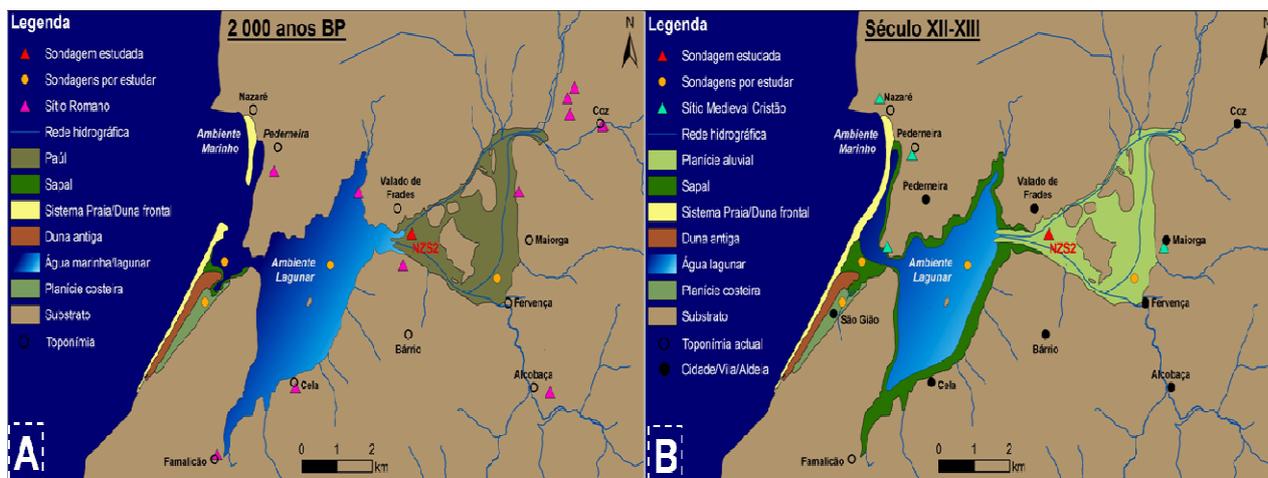


Figura 1 - A) Configuração provável da Lagoa da Pederneira há cerca de 2 000 BP.
 - B) Configuração provável da Lagoa da Pederneira nos séculos XII-XIII

Muitos documentos do século XVI aludem às dificuldades em manter a barra aberta e em drenar os pântanos e sapais existentes nas imediações. O crescimento dos cordões litorais, o avanço das dunas, a constante migração da foz do rio Alcoa e o aumento de calado das embarcações, obrigaram à mudança do “porto” e dos estaleiros para fora da Ponte das Barcas, instalando-se na “Ribeira”, situada na região da actual vila da Nazaré, abaixo do Promontório do Sítio. Neste amplo espaço são retomadas as actividades de construção naval, comércio marítimo e pesca. A cartografia de pormenor dos séculos XVI e XVII representa a área a jusante da Ponte das barcas como um extenso areal, onde serpenteia o rio Alcoa (ou de Alcobaça) que comunica com o mar por uma barra estreita. Esta configuração sugere que a Lagoa já tivesse desaparecido e apenas as superfícies baixas fossem inundadas nos períodos mais chuvosos. Contudo, a circulação de pequenos barcos ao longo dos rios e dos canais, é documentada ainda neste período. A decadência do porto interior foi acompanhada pelo progressivo abandono do espaço “medieval” da Pederneira que se transferiu para o local da actual vila. O topónimo “Lagoa da Pederneira” terá permanecido para designar o antigo espaço inundado, mesmo depois do desaparecimento do ambiente lagunar.

Nos séculos XVII e XVIII, a atracção da população pelas actividades da pesca, dos estaleiros, do armazenamento e transporte das madeiras provenientes do Pinhal de Leiria com destino à Ribeira das Naus em Lisboa, deu origem a um novo aglomerado populacional que se estabeleceu junto ao porto: a “Praia” ou “Ribeira” (primórdios da actual Nazaré). O povoamento deste lugar foi lento devido às frequentes inundações causadas pela erosão do cordão litoral e pela constante migração da foz do rio, apenas estabilizada artificialmente em 1837. Em simultâneo, no cimo do promontório, desenvolveu-se o Sítio, associado à expansão do culto de Nossa Senhora da Nazaré, que acolheu muitos dos moradores da Pederneira, já em decadência. Na Praia, as más condições de acostagem e a migração dos bancos arenosos só permitiam embarque de mercadorias no verão, mantendo-se apenas actividades relacionadas com a pesca. Ao longo do século XVIII as zonas húmidas adjacentes à Lagoa foram drenadas e transformadas em terrenos agrícolas (várzeas e campos). Razões sociopolíticas (Invasões Francesas, diminuição da população, declínio e expulsão da Ordem de Cister em 1834) impediram a manutenção das estruturas hidráulicas, e parte da várzea foi inundada, retomando a anterior condição de paul (Cela, Campinho, Valado, Maiorga). O posterior crescimento populacional e a expansão da agricultura contribuíram para o aumento da erosão e conseqüente sedimentação e desorganização da rede de drenagem, agravada pela falta de manutenção das estruturas hidráulicas construídas. Esta situação foi modificada em meados do século XX com a execução de importantes obras de enxugo e correcção torrencial e, mais tarde (década de 80), com o desvio para sul e fixação da foz do rio Alcoa e a construção do Porto de Abrigo da Nazaré.

Em síntese, as actividades humanas decorrentes de contextos socioeconómicos gerais e locais, condicionadas por pequenas oscilações climáticas históricas, contribuíram de forma determinante para aceleração das taxas de sedimentação e para o assoreamento da Lagoa da Pederneira e dos sectores baixos da costa, ao longo do último milénio.

